

Programa Africano de Formação dos Animadores Urbanos.
Sessão de Bouaké (Costa do Marfim)
18-22- de Julho de 1994

Koné Dkjakaridja

JEUDA 98P

S U M A R I O

[Introdução](#)

[A escuta das Crianças pelos Animadores](#)

[A Escuta das Crianças entre Elas](#)

[A escuta pelas Crianças do seu Ambiente](#)

[Avaliação da Sessão](#)

[Lista dos Participantes](#)

❖ INTRODUÇÃO

Esta sessão agrupou 61 animadores de 9 países de África do Oeste. Uma sessão reagrupando 12 crianças e jovens trabalhadores de 4 países de África do Oeste se desenrolou paralelamente ao Centro Social de Bouaké.

❖ OBJECTIVOS DA SESSÃO

Não se trata de uma formação inicial à escuta, cada um dos participantes estando já enquadrado numa experiência de escuta. A sessão visava pois à :

- ❑ Troca de experiência da escuta enquadradas na sub-região para tirar alguns aspectos tais como o contexto da escuta, as finalidades da escuta segundo cada contexto. Deste ponto de vista, no fim da sessão, devemos ter identificado, a partir das nossas experiências, os principais contextos da escuta (quem escuta quem, onde, como ?); assim como a finalidade para cada contexto (porquê ? o que visa a escuta ?).
- ❑ Analisar às tendências habituais que nós tivemos durante a escuta para as afinar e as melhorar se elas são facilitantes; ou as trocar se elas prejudicarem na escuta.
- ❑ Introduzir a noção de participação na escuta buscando os utensílios de facilitação da escuta activa, a que é feita pelos jovens entre eles em relação ao seu ambiente.
- ❑ Ouvir as crianças trabalhadoras do Mali, do Senegal, do Burkina Faso e da Costa do Marfim que se encontram paralelamente para dividirem os seus problemas na perspectiva de uma organização para a defesa dos seus direitos.

❖ METODOLOGIA

Conforme o nosso método participativo e exigências da pedagogia para os adultos, não houve cursos magistral. Os temas foram abordados a partir da reconstituição da vivência quotidiana de cada interveniente, na realidade social.

Optamos pois, sobre conduta de três facilitadores, para a alternância entre, trabalhos de grupos em atelier para pensar sobre as questões, e plenárias para partilhar e aprofundar as nossas reflexões.

Sínteses e contribuições teóricas dos facilitadores permitiram enriquecer os dados abrindo perspectivas mais amplas.

Um exercício de terreno à Bouaké com as crianças e jovens permitiu-nos aprofundar as dificuldades e limites de escuta (sobretudo a escuta activa) para tentar nos enquadrar na construção de utensílios de facilitação.

Questões fundamentais sobre a escuta : Quem escuta, onde, como e porquê ? Os elementos seguintes foram tirados de experiências nos diferentes países :

❑ **Quem é escutado ?**

São as crianças (com menos de 18 anos conforme a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças ratificado por todos os Governos dos países presentes) em situação difícil :

- ❑ As crianças trabalhadoras;
- ❑ As crianças em rotura e vivendo na rua;

- As crianças desempregadas nos bairros;
- As crianças mendigas;
- As crianças prendidas;
- As Crianças drogadas, doentes, refugiadas, deficientes (toda deficiência confundida)...;
- As famílias e o ambiente.

Quem escuta ?

Várias modalidades foram assentes permitindo a definição de três principais contextos da escuta :

- Os animadores (intervenientes sociais) que escutam os jovens, o ambientes inclusive a família;
- Os jovens que se escutam entre eles;
- Os jovens que escutam o seu ambiente.

À vista das experiências, ressalta que o primeiro contexto (animadores escutam os jovens) é de longe o mais corrente. Os lugares (onde), os métodos (como), e as finalidades (porquê) de escuta depende do contexto.

CONTEXTO 1 : ESCUTA DAS CRIANÇAS PELOS ANIMADORES

a) Onde os animadores escutam as crianças ?

Nas estruturas previstas à este efeito :

- Centros de escuta abertos, neste caso as crianças vivem do seu próprio grão ou são levadas pelos animadores para serem escutadas.
- Centro fechado onde as crianças são internadas.
- Centro semiaberto onde as crianças são guardadas durante um certo tempo para a escuta.

No seu meio de evolução :

- A rua, o lugar de trabalho ou de formação, o domicílio.

As vezes os dois estão combinados e as crianças são antecipadamente escutadas lá onde estão antes de serem convidadas para um lugar previsto para aperfeiçoar a escuta.

Enfim certos animadores utilizam todas as oportunidades encontradas ou provocadas para escutar as crianças (sessões de chá, jogos, excursões, desportos, teatros, lazeres, passeios, almoços comunitários, reuniões, contos, cantos, cuidados sanitários, rezas, alfabetização, formação, trabalhos domésticos...).

b) Como os animadores escutam as crianças ?

Individualmente ou em grupo, o ponto inicial sendo a negociação do contrato de confiança.

c) Porquê que os animadores escutam as crianças ?

Para a maior parte dos animadores, a escuta têm por finalidade de ajudar, de informar, de orientar, de inserir as crianças. Para isso, é preciso antecipadamente as entender. Pode-se aumentar a isso que ela permita aprender dos jovens, conhecer a sua vivência, as suas aspirações, os seus desejos e as suas dificuldades. Mais também as

suas potencialidades, para estabelecer uma verdadeira relação de parceria com eles e os apoiar nas buscas de soluções.

Ela permite também o encontro e a negociação de projectos de mudança ou de melhoramento a partir das suas aspirações (expressão de seus interesses económicos, sociais e culturais), as oportunidades do meio e das suas potencialidades. A escuta consiste então num acompanhamento onde damos a nossa experiência e os utensílios que possuímos para tirarem o máximo de si e do seu meio.

d) Algumas tendências e atitudes correntes ?

Esta contribuição teórica tirada das experiências da escuta e inspirada das “categorias de Porter ¹” têm por finalidade permitir uma certa introspecção dos animadores afim que cada um interroge as suas reacções pessoais habituais durante a escuta.

A solução

Aqui, face a um problema questionado, reagimos puxando a acção imediata. Vê-se logo de seguida a saída escolhida por nós. Não somos tão pacientes para adaptar a solução à outra. Isso manifesta-se sobre forma de conselhos, de ordens, de promessas e as vezes de ameaças. A consequência é que os jovens têm o sentimento que queremos nos desfazer do problema o mais rápido.

Acompanhamento

Encorajamos, tentamos tranquilizar, confortar,. Compartilhamos puxando para não dramatizar,. Esta atitude pode ser o ponto inicial da escuta, nomeadamente quando o problema é vivido com uma forte carga emocional. Mas ao longo, ela pode banalizar o problema e puxar o (s) jovem (ns) na inacção.

A interpretação

Indicamos ao (s) jovem (ns) como ele (s) deve (m) perceber a situação. O risco é de dar a sua própria recepção das coisas, de insistir sobre os aspectos essenciais para nós mas não necessariamente para o (s) jovem (ns). Metemo-nos na posição de desigualdade (“eu compreende melhor o vosso problema que vocês”), daí risco de diálogo de surdos.

A avaliação

Emite-se um julgamento valor (moral, cultural,...) ao que é dito : aprovação ou critica; isso fazendo, posemo-nos como censuradores morais (eu sei o que é bom ou mau). As consequências deste tipo de atitude, são as vezes os bloqueios, as reacções de agressividade, ou a dissimulação e a mentira (os jovens fingem estarem de acordo).

O questionamento

Questionamos para tentar saber mais. O risco é de que as questões sejam orientadas sobre hipóteses que já temos (toda questão implica uma hipótese : perguntando, verifico no que creio).

¹ Porter ,Elias : Introduction to therapeutic counselling, Houghton Mifflin. Boston, 1950

Voltamos a atitude da interpretação, a não ser que as questões não sejam centradas sobre os jovens e seus problemas. De mais, feita de uma certa maneira, as perguntas podem acusar e culpar os jovens.

A resposta de compreensão

Ela tende à compreender o outro no interior, a entender os sentimentos expressos e a se assegurar desta compreensão mas jamais a aprova-la ou a critica-la. É uma aceitação fundamental do que diz e sente alheio. É o reflexo fiel do que se entende e se percebe para se assegurar ao lado dos jovens que é efectivamente o que eles exprimem. O método para assegurar que entendemos bem, é a reformulação.

Reformular, é redizer, resumir, acentuar o que é dito sem influenciar. Num grupo, esta reformulação, associada as questões centradas sobre o grupo facilita a troca de ideias e melhora a qualidade das relações.

A compreensão permite pois participar na experiência alheia, de *pensar com* os jovens e não de ***pensar por eles*** ou ***pensar neles***. Ela supõem que o animador seja capaz de aceitar os jovens no seu estado e o seu modo de expressão; o que exclui toda rejeição sobre forma de agressão verbal e física ou de insinuações.

Ela implica também ao animador de ser capaz de se descentrar dos seus próprios problemas e também de perceber diferentemente da opinião corrente elaborada por nossa educação, nossa formação e pelos médias.

Uma formação à escuta, ***Com exercícios práticos em situação real***, deverá permitir à cada um de clarificar as suas tendências pessoais para, seja as afinar se elas são respeitosos da opinião alheia, seja corrigi-las se elas exercem uma pressão ou influência ao desprezo da autonomia e da liberdade alheia

CONTEXTO 2 : A ESCUTA DAS CRIANÇAS ENTRE ELAS

Onde ?

No seu meio de evolução, lugar de presença, Lugares de saídas, lugares de desporto e de lazeres.

Como ?

Por afinidade, por centros de interesse, por experiência vividas ou espontaneamente.

Porquê ?

- Procura de solidariedade, compreensão, segurança;
- procura de uma orientação concertada;
- Tentativa de organização para a defesa dos direitos adquiridos e expressão dos que são ressentidos.

Para este efeito, delegados de crianças e jovens trabalhadores do Burkina Faso, da Costa do Marfim, do Mali e do Senegal, reuniram-se paralelamente os animadores à Bouaké para uma sessão de troca de experiências, (à seguida aos primeiros contactos à ocasião da festa do 1º Maio), afim de identificarem doze direitos.

a) Os doze direitos das crianças e jovens trabalhadores

- **Direito à uma formação para aprender um profissão;**
- **Direito de ficar na aldeia (não imigrar);**
- **Direito à exercermos as nossas actividades com segurança;**
- **Direito à recorrer e à uma justiça equitativa, em caso de problemas;**
- **Direito à repouso médicos;**
- **Direito à ser respeitado;**
- **Direito à ser ouvido;**
- **Direito à um trabalho ligeiro e limitado (adaptado a nossa idade e as nossas capacidades);**
- **Direito à assistência médica;**
- **Direito à aprender ler e escrever;**
- **Direito à se distrair, à brincar e ao lazer;**
- **Direito de expressão e de organização.**

Os meninos Delegados propuseram para a promulgação dos seus direitos, as seguintes medidas :

b) O que devem fazer as crianças e jovens trabalhadores

- Cada ano, os Delegados das associações das crianças e jovens trabalhadores vão encontrar-se num País para discutirem as dificuldades encontradas em relação aos direitos que definimos;
- De volta, ao seu respectivo País, cada grupo de Delegados deve visitar os grupos existentes no seu País, para lhes dar o ponto da situação, os propor de criar associações, e de fazer uma campanha de informação nos bairros, nas cidades, nas aldeias, seguida de uma marcha para sensibilizar a população;
- Cada grupo por País deve pensar sobre um cenário teatral e musical ou um filme para reclamar os direitos das crianças e jovens trabalhadores;
- Cada País deve escrever um boletim informativo sobre os seus direitos definidos por nós;
- Os que estão presentes na reunião deverão ter uma correspondência regular para prestar contas do trabalho em curso no seu País. Em caso de dificuldades num País, as equipas dos outros Países deverão ajudar à solucionar os mesmas.

Propomos o seguinte calendário :

- Durante três meses à contar da nossa volta, discutiremos com os grupos para lhes informar sobre o encontro de Bouaké e dos direitos definidos;
- No quarto mês, animaremos em cada País uma conferência e um teatro;
- No quinto mês, criaremos cartazes : O cartaz deve conter a foto de um jovem que trabalha, e o slogan “o direito de exercer em com toda segurança”;
- Um ano para montar o filme, e para se reencontrar de novo;
- Cada três meses, cada um de nós deverá fazer o relatório escrito destas actividades e envia-lo aos Delegados ou as suas instituições de acompanhamento.

c) O que esperamos dos animadores

Pedimo-vos informações (necessárias) para criar uma associação; e um apoio para encontrar as autoridades competentes.

Precisamos da vossa ajuda para criarmos crachás ou uniformes afim de que a população conheça o nosso trabalho e nos respeite.

Pedimos de facilitarem os nossos encontros com os homens de imprensa para os exprimir os nossos problemas.

Pedimos um acompanhamento financeiro, material e moral para realizar o programa que preparamos.

d) A quem pediremos um apoio

- As crianças e jovens das escolas que fazem pequenos trabalhos connosco quando estão de férias;
- Aos notáveis;
- Aos homens da imprensa;
- Aos financiadores para as nossas conferências, nossos cartazes, nossos filmes, nossos teatros, nossa formação, et.;
- Aos Deputados para fazerem leis para assegurarem a nossa segurança;
- As Autoridade Comuns e Governamentais;
- Aos sindicatos dos trabalhadores;
- Aos religiosos para que rezem por nós e nos ajudem à divulgar a informação sobre os nossos direitos;
- Pedimos as estruturas que nos ajudem e à ENDA (ONG Africana) de continuar à nos sustentar;
- Pedimos à UNICEF ao BIT, à Ndaya Internacional, ao BICE, à DEI e à todas as estruturas que queiram defender os direitos da criança de nos apoiar.

Depois desta intervenção, os participantes do seminário se pronunciarão :

- O D.E.I/C.I organizará em Outubro de 1994 um seminário de vulgarização da Convenção sobre os Direitos da Criança. Segundo os representantes desta organização, os Delegados das Crianças e dos Jovens Trabalhadores serão convidados;
- Alguns participantes não deixaram de dar conselhos em direcção às crianças e jovens trabalhadores. São eles mesmo que devem elaborar estratégias para de seguida se apoiarem sobre as instituições e não o inverso se quiserem evitar a manipulação e a sua utilização para outros fins (exploração política ou económica) ;
- Existe uma colisão subsariana, na qual o Sr. Coulibaly do Mali se enquadra à associar os jovens se tiverem projectos concretos;
- De seguida, Fabrizio Terenzio (coordenador do Enda Jeunesse Action) lembra o caminho da participação dos jovens ao desfile do 1º Maio de 1994 em Dakar e Bamako. É este processo que levou à cabo o encontro dos jovens à Bouaké e que quer levar à cabo a organização das crianças e jovens trabalhadores para a defesa dos seus direitos. Para ser feito, ele preconiza partir da realidade dos jovens;
- O seminário propôs um processo de organização :
 - O posicionamento pessoal dos animadores;
 - O posicionamento institucional, quer dizer as modalidades da criação de uma rede de apoio;
- Pra Moulaye Tall do Mali, é preciso ampliar o posicionamento dos jovens durante todas as ocasiões que se apresentarão. A maior parte dos animadores propuseram-se à sustentar pessoalmente e à facilitar este processo de organização das crianças trabalhadoras da sua sub-região para a defesa dos seus direitos.

e) Vídeo, Teatro e Reacções

- Um documento vídeo foi proposto aos participantes :

- A participação das empregadas de casas ao desfile do 1º Maio de 1994 no Senegal e a conferência de imprensa constituirá a primeira parte do documento vídeo. Ela será seguida de um cenário escrito e jogado pelas mesmas empregadas e representando a sua vida quotidiana e suas condições de trabalho.

Este documento interpelou todo o mundo, nomeadamente sobre os maus tratos e sobre exploração de que são vítimas estas trabalhadoras. Reconhecemos que os problemas são idênticos nos outros Países da região e isto na indiferença geral. A maior parte dos participantes apontaram uma cumplicidade colectiva para que se inicie o filme sobre as empregadas de casa.

- Na Costa do Marfim por exemplo, o mercado das empregadas é organizado; Há fileiras partindo de Países vizinhos. As meninas quase sempre menos de 16 anos. Muitas dentre elas são ainda crianças, são encarregues de todas tarefas domésticas, da educação das crianças e elas submetem-se as vezes aos desejos sexuais do patrão. Em geral, as suas origens são diversas :
 - Algumas delas são confiadas directamente pelos seus parentes a partir da aldeia à seus patrões que, muitas as vezes são parentes (primos, tios, ou outro). Nesta condição, a obrigação pelo patrão de render directamente conta à família em caso de problemas e o olhar da comunidade, fazem com que elas sejam relativamente bem tratadas mesmo se a maioria acaba o seu itinerário de criada sem formação qualificante;
 - Outras (pouco numerosas) são directamente empregadas sobre a base dum contrato verbal que pode ser unilateralmente rompida pela patroa após uma falha as vezes imaginária. Há lugares em Abidjan onde pode-se adquirir uma “empregada de casa” como uma vulgar mercadoria. Certas mulheres valem-se de mudar de empregada todos os três meses;
 - Enfim, muitas dentre elas são colocadas por mulheres “intermediárias” que passam cada mês a encaixar os seus salários. Isso é a filiar do Ghana, Togo, Benin via Bondooukou.

Além das condições de trabalho extremamente difíceis, todas estas meninas não têm estatuto e são submissas aos seus patrões graça nomeadamente à uma verdadeira conspiração do silêncio. Isoladas, elas não pode, se organizar, (como todos trabalhadores neste tempos de democracia nascente), para se formar, fazer pressão e defender a profissão. Pois ser empregada de casa é uma profissão : fazer a cozinha, os trabalhos domésticos e se ocupar das jovens crianças requer uma formação, um estatuto e sobretudo uma reconhecimento e uma valorização.

CONTEXTO 3 : A ESCUTA PELAS CRIANÇAS DO SEU AMBIENTE

O ambiente reagrupa os parentes, as autoridades, o bairro, os arredores imediatos, os lugares públicos, as autoridades públicas, administrativas... Em geral, os jovens escutam o ambiente no qual eles evoluem e tentam se inserir.

Exercício de escuta sobre o terreno

Repartido em 6 grupos os participantes foram à Farmácia do Mercado, na estação UTB, no mercado face a Catedral, o do SCORE, o da Ran, e o dos correios de Bouaké.

a) Escuta criança - criança

Cada grupo deveria reunir ao menos dez crianças. Uma soma de 500 F cfa (ou seja quase 1 USD) por criança foi prevista para compensar a falta dos ganhos durante a entrevista.

As crianças e jovens que foram atingidas por este exercício são : os engraxadores, os pequenos vendedores (saco de cremes, gilettes...), ambulantes, cobradores, pequenos biscateiros e os sem actividades definidas. As suas idades variam entre os 6 e 15 anos e nos quais alunos de férias, outros que deixaram a escola e os não escolarizados. As nacionalidades são diversas (Marfinenses, Malianos, Burkinianos, Senegaleses e Guinienses na maioria).

Como foram constituídos os grupos de jovens ? (método de trabalho)

- Negociação de um Contrato de Confiança;
- Participação dos Animadores em Jogos (Baby-foot);
- Animadores fazendo-se passar por clientes potenciais (engraxadores);
- Compras com as crianças Vendedoras;
- Simulação de uma viagem com os Cobradores;
- Certos grupos já beneficiaram de experiências anteriores operadas em alguns sectores pelos Serviços Sociais, facilitando assim a disponibilidade e a disposição dos jovens à fazer o exercício.

Grupos tentaram o método que consiste em encarregar jovens de reunir outros jovens. Se isso permitiu a certos grupos de se encontrarem com mais de 20 jovens, outros só puderam reunir, com o mesmo método, que muito poucas crianças.

Como decorreram as entrevistas ?

Ao antecipar, todos os grupos puderam praticar a escuta clássica (animadores-jovens). É uma elemento característico da taxa de “facilitar”. Ele tem por objectivo definir com as crianças e jovens um centro de interesse que poderia ser objecto da escuta entre eles. Certos grupos subdividiram-se em subgrupos para diminuir a disparidade animadores/jovens e assim reduzir a influência dos primeiros e facilitar a participação dos segundos.

Os diferentes centros de interesse

- A poupança;
- O trabalho;
- A formação Profissional.

A escuta dos jovens entre eles em certos grupos foi bem levada e permitiu aos jovens de chegarem à propostas de acções muito concretas :

- A criação de uma caixa de poupança;
- O desenvolvimento de uma solidariedade com os que gostariam de fazer o mesmo trabalho;
- Apoio aos novos;
- Protecção dos mais novos pelos mais velhos.

É de salientar que os líderes dirigiam as entrevistas na maioria dos grupos.

Dificuldades

Além dos elementos ligados aos animadores : preparação do terreno, tempo limite, situação artificial, método de utilização inadequado..., podemos notar :

- A dificuldade para os jovens ao definir um centro de interesse comum, deve-se em parte ao facto dos seus horizontes diversos, por terem actividades diferentes e perseguem objectivos variados e pessoais (tem por exemplo alunos que trabalham para participarem na compra de materiais escolares, os outros para passar a licença de condução, outros querem constituir um pequeno capital para lançar um pequeno comércio; há também a necessidade de apoiar a família então este rendimento sendo indispensáveis em casa);
- Problema da linguagem e da língua entre os jovens com os animadores;
- Tendência à escutar o adulto presente (o animador) envés dos jovens;
- Líderes que monopolizam palavra, isolando deste facto certos jovens e orientando as discussões em função de seus interesses;
- Ausência do suporte e as vezes de oportunidades para comunicar-se entre eles.

b) A escuta crianças - meio ambiente

O exercício resumiu-se num questionamento de jovens pelos animadores. As crianças e jovens puderam dar uma apreciação das relações entre eles e do com seu meio ambiente :

- Jovens mau vistos (trados de gatunos, bandidos, assaltantes...);
- Jovens as vezes agredidos, expulsados, as vezes utilizados (explorados) pelos comerciantes;
- Brutalidade e barbaridade de certos jovens mais velhos;
- Os parentes financiam as actividades de certos jovens;
- Colaboração de certos responsáveis administrativos (o director da sociedade Marfinense dos correios e de poupança deu a autorização de operar frente aos bureaux dos correios).

Os jovens deram a entender em geral que os laços que têm com o seu meio ambiente é do tipo conflituoso segundo eles, isso acontece por cause de :

- Problemas de comunicação (linguagem própria dos jovens e não acessível aos adultos que sempre os desvalorizam a linguagem);
- Preconceitos negativos do meio ambiente.

Destas dificuldades nestes dois contextos de escuta, os animadores - educadores **tiraram algumas lições** para facilitar a escuta dos jovens entre eles, e com o seu meio ambiente.

- Deveríamos nos orientar sobre a **escuta activa**, na qual quem escuta ajuda os que são escutados à clarificar os seus problemas e a se assumirem. Ela visa libertar-se da dependência frente ao escutador (exemplo : os alcoólicos anónimos, os cercos dos parentes, os grupos específicos...);
- Deste ponto de vista, mais do que abrir “centros de escuta” sustentado pelos animadores, parece cada vez mais indicado de **facilitar a abertura de lugares de escuta iniciáveis e geridos pelos jovens**.

Esta escuta activa, sem excluir a escuta dos jovens pelo animador, põem o acento sobre a escuta dos jovens entre eles e com o seu meio ambiente.

O animador joga então um papel de facilitação para permitir aos jovens de melhor se conhecerem, de descobrirem os seus próprios potenciais e àqueles dos seus meios, os explorar para construir projectos de mudança ou melhoria, depois realizar acções viáveis.

- A escuta activa supõem que o animador seja convencido :
 - Que ele não detenha a soluções dos problemas dos jovens. Ele pode quanto mais satisfazer algumas necessidades e não resolve os problemas de onde a solução pertence sempre aos que o vivem;
 - Que as crianças e jovens tenham interesse divididos e também capacidades e potenciais à explorar.

A facilidade da escutar activa

Nos encontros entre os jovens, o animador deverá :

- dividir as crianças e jovens em pequenos grupos segundo as suas características ou afinidades;
 - Resolver os conflitos conservando toda neutralidade;
 - Encorajar e solicitar a participação de cada (utilizar o módulo do funcionamento democrático em relação aos módulos autocrático ou “deixar fazer”;
 - Utilizar o suporte (conto, serão, trabalhos, actividades manuais...);
 - Descontrair a atmosfera utilizando exercícios animadores, brincadeiras;
 - Privilegiando a argumentação em relação aos sentimentos;
 - Nunca humilhar ninguém;
 - Utilizar técnicas de comunicação horizontal (jogos de função, teatro, mimos, desenhos...);
 - Reformular mais do que dar soluções, de julgar ou interpretar;
 - Apontar os interesses comuns;
 - Criar oportunidade por via de encontros não formais (fora do meio habitual).
- No meio ambiente das crianças e jovens :
 - O animador deverá transmitir aos jovens os utensílios para estudar e conhecer o seu meio para tirar proveito o máximo : recolha de dados do ambiente pelos jovens com os utensílios da observação/do questionamento e da escuta do meio com a ajuda de suporte diverso (passeios, cartas, desenhos, teatro, marionete ...). Esses dados, bem explorados e analisados pelos os jovens permitirão transformar as suas aspirações em projectos viáveis à longo termo. Os jovens são capazes de levar esta pesquisa - acção se o animador tiver tempo e a paciência deles fornecer os utensílios e os acompanhar. A pesquisa _acção é uma longa obra de longo curso;
 - O animador deverá criar e facilitar as ocasiões de encontro e de escuta entre os jovens e o seu ambiente.

A pesquisa /acção participativa (RAP)

A pesquisa universitária (fundamental ou aplicada), como a pesquisa - acção, comporta várias etapas sistemáticas e irreduzíveis. Na diferença da pesquisa universitária que visa as vezes o conhecimento aprofundado dos fenómenos e que é levada pelos especialistas, a pesquisa - acção é guiada pela acção que ela vai criar e é levada pelos que deveriam realizar esta acção. Daí o seu carácter participativo.

Ela requer por parte do animador a convicção de que os jovens são capazes de uma demarcha científica sistemática podendo os trazer à se libertarem da dependência isso se pegarmos o tempo de às propor numa linguagem clara e acessível, após uma fase antecipada de negociação em relação à seus interesses.

De seguida, vêm as etapas de recolha exaustiva dos dados; da sua exploração consistindo em reagrupa-los em categorias; extraíndo os problemas, seleccionar um problema ressentido por todos; a analisa-lo ou seja buscar os elementos geradoras do

problema; classificar os mesmos para saber se o problema é mais de origem política, sociocultural ou económica; priorizar o elemento tendo o maior o peso do problema e sobre o qual temos a capacidade de agir; planificar a acção e mobilizar recursos humanos, materiais e financeiras do grupo para realizar a acção sem depender dos outros.

A fase final da avaliação permitirá de pensar sobre a acção. Será o ponto de partida de um outro processo de pesquisa - acção (a partir da experiência). O seu objectivo será de reorientar a acção numa perspectiva de melhoramento.

Avaliação da Sessão

Organização logística : bom acolhimento mais problema de limpeza e de água.

Agradecimentos à equipa de Bouaké e à sua Directora.

Metodologia e facilitação : algumas flutuações no início, rapidamente dominadas.

Conteúdo : contribuição positiva do trabalho sobre o terreno e também na vida quotidiana. Mas podemos ter insistido ainda mais sobre pesquisas - acção participativa.

O desejo geral é de hoje em diante, poder-se fazer participar o máximo de equipas as sessões regionais de formação.

LISTA DOS PARTICIPANTES

BENIN (2)

Patrick Atohoun	animador	Projet ESD BP. 491 Cotonou
Rock Maforikan	animador	idem

BURKINA FASO (6)

Souleymane Ouédraogo	economista planificador	Coop D´Pouce 01 BP. 1214 Ouagadougou 01
Aly Ouédraogo	formador	idem
Zongo Léopold	assistente formador	idem
Abibala Barry	animadora	ECLA BP. 362 Ouahigouya
Kadiya Gassambe	animadora	idem
Zongo Abdoulaye	responsável	idem

COSTA DO MARFIM (25)

Coulibaly Tiepe Josiane	formadora	BICE 01 BP. 1721 Abidjan 01
Koukoui Désiré Gilbert	director	Carrefour - jeunesse Abel LVIA BP. 89 Grand - Bassam
Kouamé Gaston	animador	idem
Souer Broh Juliane	assistente social	Casa da infância BP. 168 Bouaké
Coulibaly Kanadjénaboïr florance	responsável	Centro Social 01 BP. 557 Bouaké
Oba Boussou	educador especializado	DPPS/DEP (DEI)

Yao Odette	Educadora	“	BPV 124 Abidjan Centro Social EASEMO
De Medeiros Ake Denise	educador	“	01 bpo. 557 Bouaké Centro Social EASEMO Avenida 1 Terichville, BPV 124 Abidjan
Touréw Meta			Pouponière 01 BP114 Bouaké 01
Kouassi Djouran Jean	animador		Casa dos jovens Caritas 12 BP. 48 Abidjan 12
Aboidji Jean Claude	educador especializado	CEJD	01 BP. 4505 Abidsjan
Kponhassia Gabin	secretária executiva		DEI 04 BP 1201 Abidjan 04
Bagou Sagpou Daniel	Chefe do Serv. Ass. Sociais	DRSPAS	01 BP.1153 Bouaké 01
Tohouri Gnabro Léa-Evariste	Chefe do Serv. PPJD	DRSPAS	BP.1795 MAN
Gobo Dayo Daniel	assistente social		Centro Lomana BP.719 Korhogo
Kouakou Yao Joseph	educador especializado		Centro ANAED BP.719 Korhogo
Koffi Niangoran	animador		AESEMO Centro Social 01 BP 557 Bouaké 01
Kalo-Bi	educador especializado		idem
Koné Nantégué	assistente social		idem
Konan Koffi	educador especializado		DPPS/PAF 20 BP 777 Abidjan 20
Koné Djakaridja	formador		ENDA - PAF 06 BP. 559 Cidex 1 Abidjan 06
Elyse Batiemo	aprendiz de costura	Centro Social da	l'av 1. 05 BP 121 Abidjan 05 (Treichville)
Raphael sery Segui	Chef dos parqueadores de viaturas		01 BP 4505 Abidjan 01 tel 225398 (Adjamé)
Salif Keita	aprendiz de musica		Centro Abel LVIA Grand Bassam
Berté fakoro	portador gare UTB		s/c Centro Social 01 Bp 557 Bouaké 01
N'dri Kouakou Blaise	portador gare UTB		idem

GUINE BISSAU (1)

Cà Fernando	responsável informação	AMIC (ass. amigo da infância) BP 43 rua 12 de setembro 8 A - B - C
-------------	------------------------	---

GUINÉ CONACRI (2)

Ali Diaouné	animador	terre des Hommes BP 1603 Conacri
Sékou Diakité	presidente	SABOU Guiné BP 1603 Conacri

MALI (11)

Abba Gakou	engraxador - sapateiro	AJAP secretária/admi. s/c ENDA Bamako
Marian Coulibaly	empregado de casa	Chez Gardien desTP Adama Diarra Bairro Dar Salam
Aminata Traoré		assoc. limpeza Jiya So Medina Coura rua 14/11 s/c Sekou Traoré (Jiya So)
Nestor Diallo	monitor	Kanuya Mali BP 298 Bamako
Broulaye Sangaré	animador	ENDA BP 3123 Bamako
Moulaye Hasan Tall	educador especializado	idem
Mamadou Samaké	animador	idem
Mamadou Sacko	animador	Ministério da Juventude BP 91 Bamako
Amadou Coulibaly	coordenador	Aide Criança Canda BP 2976 Bamako
Seydou Kampo	ad. ass. sociais	Cor de Bollé Sabalibougou BP 97 Bamako
Amadou Kaba Diakité	agente dos Ass. Sociais	idem

MAURITÂNIA (2)

Mohamed Lémine Ould Abdellahi	educador especializado	CPE Caritas Mauritaniana BP. 515 Nouakchott das Nouakchott
Mohamed Ould El Moustapha	director do CPE	

NIGER (1)		
Abdoulaye maïga Balkssa	assistente social	Caritas Niger BP 11 117 Niemey
senegal (10)		
Sophie Ngom	empregada da casa de costura	HLM Montagne s/c Enda BP 3370 Dakar
Mouhamadou Dabo	carregador de esqueiros	Dakar thiraye près deboulagerie de la gare 1
Hamidou Coly	animador	ENDA BP 3370 Dakar
Alassane Faye	animador	idem
Pierre Marie Coulibaly	coordenador nacional	idem
Ndiaya Guèye lo	animadora	idem
Fabrizio Ternzio	coordenador regional	idem
Babakar Diop	animador	Claire criança /caritas BP 260 Saint - Louis
Emmanuel Cisse	Chefe do projecto	Doomi Nepp BP 198 Thiès
Mbagnick Birame Ndiaya	animador	ENDA BP 224 Ziguinchor